

CAROLINA DE JESUS, INTELLECTUAL ORGÂNICA E PRETA

CAROLINA DE JESUS, ORGANIC AND BLACK INTELLECTUAL

Érica de Souza Oliveira¹

Resumo: No trabalho intelectual de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de despejo* (1960) e em *Diário de Bitita* (1986) a escritora constrói uma teia discursiva pensando às questões de gênero e raça. *Quarto de despejo*, obra que registra o cotidiano de uma favela paulista na década de cinquenta, é a obra mais conhecida de Carolina de Jesus. Já *Diário de Bitita* é uma narrativa póstuma que registra o cotidiano de Carolina de Jesus e de outras mulheres negras no início do século XX. Nas obras, através dos relatos em três momentos distintos da personagem-protagonista, considerei que a autora agencia um espaço de reflexão para que sejam reveladas as opressões de gênero e raça em seus contextos, produzindo um conhecimento a partir de seu lugar de fala. Ao longo desse estudo, observei que foram construídas algumas pistas que indicam para a/o leitora/o como foi construído o percurso intelectual da escritora, rompendo com um modelo hegemônico quanto à definição do que é ser um/uma intelectual em sociedade, sendo a escritora uma mulher negra e com pouca escolaridade. Por meio de um discurso considerado transgressor, defendi que ela constrói conhecimento sobre a realidade das mulheres negras, assim como consegue promover rasuras na história considerada oficial, assumindo uma postura conforme defendem Said (2005) e Hooks (1995) a respeito do trabalho de um intelectual.

Palavras-chave: Carlina de Jesus; Intelectual; Gênero e Raça.

ABSTRACT: In Carolina Maria de Jesus' intellectual work in *Quarto de despejo* (1960) and in *Diário de Bitita* (1986), the writer builds a discursive web thinking about gender and race issues. *Quarto de despejo*, a work that registers the daily life of a São Paulo favela in the fifties, is Carolina de Jesus' best-known work. *Diário de Bitita* is a posthumous narrative that records the daily life of Carolina de Jesus and other black women at the beginning of the 20th century. In the works, through the accounts in three different moments of the protagonist-character, I consider that the author provides a space for reflection so that the oppressions of gender and race in their contexts are revealed, producing knowledge based on her place of speech. Throughout this study, I observed that some clues were built that indicate to the reader how the writer's intellectual path was built, breaking with a hegemonic model regarding the definition of what it means to be an intellectual in society, being the writer a black woman with little education. Through a discourse considered transgressive, I defended that she builds knowledge about the reality of black women, as well as being able to promote erasures in the history considered official, assuming a posture as defended by Said (2005) and Hooks (1995) regarding the work of an intellectual.

Keywords: Carlina de Jesus; Intellectual; Gender and Race.

[...]não digam que fui rebotalho,
que vivi à margem da vida.
Digam que eu procurava trabalho,
mas fui sempre preterida.
Digam ao povo brasileiro
que meu sonho era ser escritora,
mas eu não tinha dinheiro
para pagar uma editora. [...] (JESUS, 2007, p. 54).

1. Apresentação

O ofício literário exige destreza. Por vezes é necessário seguir por caminhos metaforizados para suportar dores duras demais de serem sentidas sem camuflagens. Entre as dores que precisou suportar para fazer nascer suas produções literárias, Carolina Maria de Jesus metaforizava até a fome, para transformá-la em arte. Investigações ontológicas se prendem na rede da linguagem em um caminho tortuoso e incerto por onde nasce à escritora negra mineira Carolina Maria de Jesus. Em sua biografia, entre distorções e romantização de sua trajetória literária, a memorialista, contista, poeta e romancista parece ter nascido predestinada a ser filha da letra.

Na epígrafe de abertura dessa escrita, a escritora deixa evidente que podem falar sobre ela, mas falem dela enquanto escritora e intelectual que ela era. Em outra passassem ela afirma que, se as palavras não conseguem mudar o mundo, é possível apropriá-las para pelo menos recontar um mundo em nossa própria versão.

Neste estudo, estabeleci uma análise das obras de Carolina de Jesus e os argumentos de Said (2005) sobre a pessoa intelectual. A leitora/o poderá identificar as características e funções do sujeito intelectualizado, sem esquecer, contudo, que Carolina de Jesus foi uma intelectual negra e orgânica. De modo que, as implicações propostas por ela em seu trabalho foram diretamente atravessadas por sua condição enquanto mulher que descendia de uma matriz africana.

Nesse sentido, ao longo desse estudo, busco esquematizar questões que envolvam a problemática da mulher negra no campo intelectual conforme problematiza bell hooks (1995). Evidenciando como a mulher negra em seu exercício

de falar a verdade ao poder, usando a expressão de Said, encontra barreiras para que seu trabalho seja aceito.

2. A escritora, o marketing e o quase silenciamento da intelectual que não era tradicional.

O registro de suas vivências em Quarto de despejo: diário de uma favelada (1960) colaborou para que Carolina de Jesus surgisse como escritora. Na década de 1950, ela residia na comunidade da Canindé, na grande São Paulo. Devido a diversos fatores, entre eles as poucas oportunidades de trabalho por conta da baixa escolaridade, ela recorria a materiais recicláveis para garantir seu sustento e dos três filhos. Nessa atividade, a futura escritora encontrava cadernos, por ela transformados em diários, nos quais quase todas as noites após o trabalho, escrevia o que se passava em seu dia:

[...] quando escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] é preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (JESUS, 2007 [1960], p. 58).

Em seu relato, noto que ela descreve o ambiente onde morava, selecionando elementos descritivos que levam o leitor a imaginar primeiramente um local de beleza, para posteriormente fazer um contraponto com a realidade de viver na comunidade. Ao escrever seu diário, Carolina Maria de Jesus podia extravasar suas angústias, pensamentos ou mesmo emoções. Era também o espaço no qual ela exercitava sua escrita para fazer a arte da palavra, espaço da liberdade, segundo fica evidente na escrita da própria autora.

Ao longo da grafia, a narradora usa a primeira pessoa do singular para evidenciar o caráter pessoal da narrativa. Esse recurso aproxima a escritora de seus leitores. O caráter subjetivo em seus textos é uma das marcas próprias da escrita de Carolina, visto que, permite ao leitor identificar a presença de um narrador que

também é personagem. No diário, a escrita também é marcada por repetições e descrições detalhadas da realidade da autora e dos moradores da comunidade.

Os registros da vida de Carolina Maria de Jesus em seus diários deixavam margens para o leitor acessar seu universo. Mas identifico também que seus relatos transpareciam a realidade vivenciada por pessoas próximas a ela. A escritora anotava nos cadernos tudo que lhe chamasse atenção. Os registros oscilavam entre desafetos familiares, assuntos políticos, violência doméstica, exploração sexual, fome, morte, citações literárias, racismo, contemplação da natureza, amor, andanças pelas editoras, entre outros temas, como é possível ler no trecho que segue: “[...] os preços aumentam igual as ondas do mar. Cada qual mais forte. Quem luta com as ondas? Só os tubarões. Mas o tubarão mais feroz é o racional. É terrestre. É o atacadista” (JESUS, 2007 [1960], p. 60).

No fragmento, a autora se utiliza de metáfora (a correspondência entre o tubarão mais feroz com o atacadista), comparações (“Os preços aumentam igual as ondas do mar”; cada qual mais forte”) para fazer uma crítica sobre os preços dos gêneros alimentícios e, no final, faz uso da ironia para denunciar o comportamento dos atacadistas. Ora, sabe-se que a alegoria é um dos traços dos textos literários; assim, por este e outros exemplos facilmente encontrados em toda a obra, é possível perceber que, para além de um simples diário, trata-se de uma obra literária.

Por outro lado, em outros trechos, a construção da narrativa se dá por construções mais diretas, objetivas, como no fragmento abaixo, em que há uma forte denúncia contra a violência doméstica:

[...] quando os casais se embriagam brigam, as mulheres, para não apanhar sai nua para a rua. Quando começa as brigas os favelados deixam seus afazeres para presenciar os bate-fundos. De modo que quando as mulheres sai correndo nua é um verdadeiro espetáculo (JESUS, 2007 [1960], p. 45).

Carolina Maria de Jesus em seus manuscritos, anotava os movimentos de sua alma e, conseqüentemente, os de outras almas que traziam em

suas trajetórias feridas incictrizáveis, causadas pela opressão. Tomando a escrita como direito que tinha de sua vida, a escritora enfatizava em sua grafia os problemas sociais que pareciam invisíveis ao poder público. Por meio de seu olhar, ela conseguia enxergar a situação de marginalização e de invisibilidade a que estavam relegadas pessoas residentes nas periferias dos grandes centros brasileiros.

Carolina Maria de Jesus era uma das poucas moradoras da comunidade que sabia ler e escrever. Seu hábito de escrever assustava as pessoas à sua volta, que não entendiam a intimidade entre a escrita e uma mulher que passava fome. O estranhamento e desconfiança dos vizinhos sobre sua relação com a escrita não foram suficientes para ela parar de escrever. A escritora tinha conhecimento de sua competência expressiva e nutria o desejo de seus escritos serem apresentados ao público. Desse modo, continuou escrevendo seu diário, com a esperança de um dia publicá-lo. São diversos os relatos de como enviava os manuscritos para editoras em troca de alimento para sua família:

[...]16 de janeiro... fui no correio retirar os cadernos que retornaram dos Estados Unidos. [...] cheguei na favela. Triste como se tivessem mutilado os meus membros. O The Reader Digest devolve os originais. A pior bofetada para quem escreve é a devolução de sua obra. Para dissipar a tristeza que estava arroxendo a minha alma eu fui falar com o cigano. Peguei os cadernos e o tinteiro e fui lá. Disse- lhe que tinha retirado os originais do correio e estava com vontade de queimar os cadernos [...] (JESUS, 2007 [1960], p. 154).

Em destaque, Carolina expõe sua primeira tentativa de publicar seus textos. Observe que ela buscou inicialmente uma editora internacional, não obtendo sucesso. Muitos não lhe davam credibilidade para alcançar sua ambição literária devido à baixa escolaridade – ela estudou pouco menos de dois anos –, razão de sua escrita não atender aos padrões exigidos pela norma-padrão da língua.

Contudo, após três anos do início de suas narrativas no diário e de ter percorrido em vão redações de revistas e jornais, por um acaso,

Carolina Maria de Jesus permitiu que seus manuscritos fossem lidos pelo repórter Audálio Dantas, e, pouco depois foram lançados em 1960 como Quarto de despejo: diário de uma favelada.

A publicação teve um forte impacto na vida da escritora. A vendagem do livro lhe rendeu algum dinheiro. A primeira edição vendeu 10 mil exemplares em uma semana. Da noite para o dia, Carolina Maria de Jesus passou a ter mais sucesso do que escritores seus contemporâneos, conforme atesta Tom Farias (2017, p. 225):

[...] no dia 21 de agosto, o jornal "Folha de S. Paulo" deu ranking dos mais vendidos na última semana. Obviamente, os mais vendidos eram, em primeiro lugar, "Quarto de despejo", de Carolina Maria de Jesus; em segundo, "Por que não sou cristão," de Bertrand Russell; terceiro, "Memórias do Marechal Montgomery"; quarto, "Trem de Instambul", de Graham Greene; e quinto, "Reflexões sobre o racismo", de Jean Paul Satre. Já na lista divulgada pelo "Estado de São Paulo", também referente a esta primeira semana de lançamento da obra, Carolina aparece em primeiro lugar, seguida de Jorge Amado, com "Gabriela, cravo e canela"; "Terra de Caruru" de José Conde; "Café na cama" de Marcos Rey; e "O retrato" de Osvaldo Penalva.

O êxito obtido não foi apenas editorial, uma vez que a autora também ganhou destaque em várias esferas das artes. Seu livro foi adaptado para o teatro, cinema e televisão. Alguns compositores fizeram canções em sua homenagem e uma rede de televisão alemã transformou a obra em curta metragem.

O sucesso de Quarto de Despejo foi muito rápido e lucrativo. Carolina Maria de Jesus era chamada para entrevistas em veículos de comunicação e participava de tarde de autógrafos, eventos com famosos e políticos, palestras pelo Brasil e países vizinhos. Todavia, o outro lado do sucesso a obrigava a conviver com críticas que punham à prova tanto a veracidade quanto a qualidade de seus textos. Destaco uma dessas críticas transcritas por Farias:

[...]é vergonhoso que, numa cidade que se supõe culta, como é São Paulo, isso aconteça. Em primeiro lugar,

porque quem escreveu o livro apenas visou uma vingança contra a sociedade; segundo porque o livro não vale mesmo nada, como pesquisa social e, nada literalmente falando. E ainda: Para que, pois publicar tais abjetos amontoados de monstruosidades? A sociedade, em si, como instituição, é que não tem culpa, mas a adoção dessas carnavalescas ideológicas que geram o socialismo (PAGANO, 1960, apud FARIAS, 2017, p. 233).

Logo no início do fragmento, o crítico admite a existência de uma categoria social autorizada a escrever, os “cultos”; como mulher negra, Carolina Maria de Jesus não pertencia a esse meio. No trecho, o vocábulo “monstruosidade” denota o preconceito explícito contra a escritora, cujos textos, segundo Pagano, não podem ser vistos como ciência ou literatura, pois a escritora não possuía um estilo artístico aceitável. Uma rápida análise nos mostra que o motivo da não aceitação dos textos de Carolina reside em algum espaço além do estilístico ou autoral, relativo ao ineditismo do acesso à publicação por alguém com sua origem.

Nas falas literárias consagradas, é comum encontrar um determinado perfil de apresentações, porém raramente estas apresentações conseguem alcançar as perspectivas sociais. O literário opera visando seus objetivos políticos e interesses sociais. Nega-se o direito de ocupar os espaços culturais e literários às mulheres, aos negros, aos indígenas, aos mulçumanos...

Nesse sentido, compreendo que, apesar da qualidade, a escrita de Carolina Maria de Jesus estava sendo apresentada para o público sem deixar de evidenciar a sua condição de mulher, negra e periférica. Nos discursos críticos a seu livro, havia uma disposição ideológica de recusa dos espaços literários a alguém com as características da escritora.

Por muitas décadas, e mesmo nos dias atuais, Carolina Maria de Jesus foi ou é apresentada como escritora favelada. E essa imagem poderia ser positiva, uma vez que ela utiliza sua escrita, construída na periferia, para oportunizar um espaço de reivindicação para aquelas pessoas marginalizadas. Contudo, o que se percebe é que a imagem da escritora favelada foi usada por um eficiente trabalho de marketing para criar o estereótipo de uma

escritora sem o direito de ocupar espaços literários porque desprovida das características exigidas pelo hegemônico para tal.

O subtítulo de Quarto de despejo - diário de uma favelada – foi acrescentado pelo editor Audálio Dantas. A história da publicação do diário de Carolina de Jesus é também a história de seu editor, uma vez que este ficou internacionalmente conhecido na época como o descobridor da “escritora favelada”. Ao jornalista deve-se a seleção dos trechos publicados, o prefácio do livro e à preparação da recepção da obra pelo público. Seu marketing estratégico induzia o leitor a uma leitura específica, na qual a situação de miséria em que a escritora vivia na comunidade continuava fortemente utilizada. No prefácio do livro edição, 1960, assim aparece a fala do repórter:

[...]selecionei os trechos sem acrescentar uma palavra, para compor o livro. Explico Carolina conta seu dia inteiro com todos os incidentes fiel até o ato de mexer o feijão da panela. Daí a necessidade de cortar, selecionar as histórias mais interessantes[...] tenho que acrescentar que em alguns poucos trechos, botei uma ou outra vírgula para evitar interpretação dúbia de frases. Algumas cedilhas desapareceram, por desnecessárias e o verbo haver que Carolina entende como um a assim soltinho confundindo facilmente com o artigo ganhou um h de presente[...] de meu no livro aparecem ainda uns pontinhos que aparecem assim[...] e indicam supressão de frases (DANTAS, 1960, s/n).

No fragmento, o jornalista se defende sobre ter alterado de maneira inadequada o texto de Carolina de Jesus. No entanto, a declaração de Dantas se contradiz. A seleção dos trechos da obra passou por supressões, acréscimos e trocas de termos em expressões que conferiam para o texto um viés mais simplório e próximo do comum.

Carolina de Jesus tinha permissão apenas de criticar, mas não tinha o direito de fazer isso em norma-padrão. As mudanças tendenciosas feitas na edição de sua obra convergiram para a construção estereotipada da escritora. Essas mudanças faziam parte de um jogo estratégico de mercado e discursos prontos que não levaram em consideração o

conhecimento e frutos do seu trabalho como escritora e intelectual.

A partir dessas leituras e dos textos de Carolina Maria de Jesus, observo que um(a) escritor(a) negro(a) não escreve sozinho(a), mas traz consigo todas as vozes silenciadas, num desvio de padrão que possibilita várias esferas de interpretações. Assim, a imagem de Carolina no momento de sua apresentação para o público era também a de outras pessoas negras nela imaginada. E essa imagem não poderia naquele instante se desvincular de um desenho ideológico, tendo em vista que o dito está sujeito a quem fala no texto, à inscrição social e histórica do indivíduo falante.

Desse modo, Carolina tece um discurso acessível ao público, em sua diversidade de membros sociais, atuando como intelectual, não só em busca de seus próprios benefícios, mas em favor da causa de seus semelhantes. Assim, desempenha, em sua escrita, o papel de intelectual orgânico descrito por Said (2005).

Conforme o escritor, em leitura de Gramsci, os indivíduos que desempenham o papel de um intelectual podem ser divididos em dois grupos: os intelectuais tradicionais, e os intelectuais orgânicos. Said explica que, os intelectuais tradicionais tendem a desempenhar a mesma função geração após geração. Nesse grupo é possível encontrar profissionais da educação, líderes religiosos e representantes de empresas. Enquanto que os intelectuais orgânicos, diferente dos tradicionais, não desempenham uma única função em um estado aparente de paralisação.

Os intelectuais orgânicos estão em constante movimento, sempre procurando realizar negócios e transações. Os intelectuais orgânicos estão diretamente ligados a classes e empresas, que os “usam para organizar interesses, buscando a conquista de mais poder ou controle” (SAID, 2005, p. 20). Um indivíduo sem medo de falar a verdade ao poder, sendo, por vezes, ríspido, mas sempre eloquente, dotado de grande coragem e revoltado com situações conflituosas à sua volta.

Conforme Said, os intelectuais são pessoas públicas com habilidades para expor com eficiência seus pontos-de-vista; são formadores de opinião, com alto poder de persuasão, sujeitos questionadores das verdades

normativas e sem medo de falar ou lembrar às autoridades fatos propositadamente esquecidos ou silenciados.

No perfil de um intelectual, é possível identificar um sujeito que levanta questões embaraçosas. A todo instante, ele é levado a não ser um mero reproduzidor de dogmatismos e ortodoxias, mas a estar sempre em confronto com essas instâncias sociais. Um intelectual é alguém que não pode ser facilmente influenciado ou agenciado por governos ou corporações. Seu papel consiste em representar todas as pessoas e todos os problemas que são sistematicamente ignorados.

Said (2005, p. 25) argumenta que: “[...] Não houve nenhuma grande revolução na história moderna sem intelectuais; de modo inverso, não houve nenhum grande movimento contrarrevolucionário sem intelectuais”. Nessa argumentação, percebe-se o intuito de enaltecer o trabalho dos intelectuais e alertar sobre sua importância, pois se, por outro lado, eles podem desenvolver argumentos convincentes que levem pessoas a entender como natural e, portanto, aceitável, justa, obedecível, determinada situação, mesmo opressiva; por outro, são responsáveis por conduzir a sociedade a construir posicionamentos críticos, a não aceitar desigualdade de direitos.

Na condição de mulher negra, por meio de seus registros, Carolina Maria de Jesus procurava sair da invisibilidade em que a sociedade a colocou. Apesar disso, assim como as demais escritoras negras, Carolina também experimentou os dissabores da negação dos valores intelectuais.

Segundo Bell Hooks (1995), são muitas as dificuldades experimentadas pelos intelectuais comprometidos com as mudanças sociais, bem como o reconhecimento social da relevância de suas funções, porque as sociedades são anti-intelectuais. hooks argumenta que as intelectuais precisam sempre reafirmar a importância ou mesmo a significância de suas tarefas, de modo que, mesmo em círculos políticos progressistas, o trabalho dessas pessoas “raramente é reconhecido como uma forma de ativismo na verdade de expressões mais visíveis de ativismo concreto” (HOOKS, 1995, p. 464).

Para a escritora, a desvalorização da atividade mental contribui para dificultar o reconhecimento das funções intelectuais como algo útil pelos grupos historicamente marginalizados. Desta maneira, “a decisão de trilhar conscientemente” esse caminho “foi sempre uma opção excepcional e difícil” (HOOKS, 1995, p. 464).

Concernente a essa afirmativa, a escritora textualiza o quão penoso é para as mulheres negras se tornarem ou mesmo serem reconhecidas como pensadoras, em função da dupla atuação do racismo e sexismo e ainda da exploração de classe institucionalizada. O conceito intelectualístico ocidental é diretamente relacionado a gênero e classe esse “elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual” (HOOKS, 1995, p. 468).

Por outro lado, a teórica diz que as mulheres negras optantes pela vida intelectual têm de ter ciência de que elas serão “[...] alguém que lida com ideias transgredindo fronteiras discursivas porque ele ou ela vê a necessidade de fazê-lo”. Em segundo lugar, serão sempre “alguém que lida com ideias em sua vital relação com uma cultura política mais ampla” (HOOKS, 1995, p. 468).

A partir do que salienta a teórica, nada mais justo que trazer um trecho escrito por Carolina Maria de Jesus para que essas reflexões sejam mais uma vez corroboradas por sua intervenção:

[...] voltem para as lavouras que nós vamos tratá-los bem. Aceitamos suas reivindicações. A maioria dos negros era analfabeta. Já haviam perdido a fé nos predominadores e em si próprios. O tráfico de negros iniciou-se no ano de 1515. Terminou no ano de 1888. Os negros foram escravizados por quase 400 anos (JESUS, 1986, p. 30).

No fragmento, temos um trecho de Diário de Bitita (1986), na oportunidade, a intelectual lida com questões políticas, expondo o cinismo dos colonos que tentavam aliciar os negros a voltar a cuidar de suas terras e riquezas. Observe que os recursos utilizados pelos senhores para tentarem convencer os trabalhadores estavam relacionados a direitos trabalhistas.

Perceba que, se eles estavam usando essa tática para conseguir trabalhadores pretos é porque esse direito ainda não era oferecido para aquela população, mesmo após o fim da escravização.

No trecho anterior, a autora evidencia a ausência de compromisso por parte das autoridades governamentais em propiciar à população negra acesso à educação básica. A escritora entendia a necessidade daquela situação ser denunciada. Ela tinha conhecimento de que a condição social de marginalização daquele povo estava diretamente ligada à sua falta de instrução acadêmica.

Outro ponto destacado por Carolina Maria de Jesus está no fator histórico. A escritora evidencia as datas que começou e terminou o tráfico negreiro, fazendo questão de registrar a quantidade de anos em que perdurou essa prática desumana. Carolina Maria de Jesus ainda revela que a condição marginal daquela gente era vista, mas ignorada e, em muitas situações, até mesmo ridicularizada pelas autoridades.

Em seu artigo *Intelectuais negras*, hooks conversa com o também escritor negro Cornel West (1999), fazendo menção ao ensaio *O dilema do intelectual negro*, no qual ele apresenta alguns motivos que levam o negro a decidir ser intelectual.

Destaco no próximo fragmento o original de West, o qual hooks cita também em sua obra:

[...] as razões pelas quais muitos negros escolhem tornar-se intelectuais sérios são diversas. Em muitos casos, porém, essas razões podem ser traçadas como tendo uma raiz em comum. Uma conversão, tipo experiência com um professor muito influente; ou seus próprios pares, que o convencem a se dedicar a uma vida de atividades em leitura e escrita; ou a conversão para propósitos de prazer individual, riqueza pessoal, ou melhoria política do povo negro (e com frequência para outros oprimidos) (WEST, 1999, p. 2).

Conforme West, os motivos que levam os negros a decidirem ser intelectuais variam consideravelmente. Porém, o escritor encontra um ponto de conversão que explica os motivos da escolha. Para o teórico, essa

decisão seria motivada por influência direta de pessoas ligadas a esse povo, ou ainda pelo sentimento de revolta que esse grupo partilha ao ver semelhantes seus em condição de opressão.

Verifico no trecho que as observações de West podem ser aproximadas nas análises sobre a trajetória de Carolina Maria de Jesus. Não posso afirmar que ela tinha consciência de ser uma intelectual, ou de que produzia uma literatura negra, muito menos que desenvolvia um trabalho voltado para esses fins. Entretanto, ao longo deste trabalho, venho apresentando passagens que exprimem o sentimento de revolta da escritora, quando presenciava alguma situação opressiva para com seu povo.

Na narrativa de Carolina Maria de Jesus, a opressão contra os povos negros, mas sobretudo contra as mulheres negras, marca a simbologia de uma morte violenta, uma violência epistêmica que obriga as mulheres a ocupar lugares secundários, subalternos. Gayatri Spivak (2010) usa como modelo uma linha sociológica de subalternidade no seu contexto de mulher hindu na Índia. A intelectual conta a história de uma jovem viúva que não encontrou em sua cultura espaços de auto apresentação devido à sua dupla condição de mulher e viúva. Estando nessa situação, ela não poderia falar, ser ouvida, fora do contexto patriarcal e pós-colonial. Por meio desse exemplo, Spivak argumenta que a subalternidade é angariada em maior escala pelas mulheres; desta maneira, “o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 28).

A estudiosa desenvolve uma argumentação para fazer uma crítica sobre o posicionamento de Deleuze e Foucault, com a finalidade de repensar o sujeito soberano por eles discutido, bem como a suposta postura de distanciamento desses pensadores dos debates ideológicos. Nesse sentido, haveria um equívoco na utilização do termo subalterno para adjetivar todo ou qualquer sujeito marginalizado. Subalterno é aquele cuja voz não poder ser ouvida. O termo ainda descreveria “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados das representações políticas e legal, e da possibilidade de se tornarem membros no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p. 12).

Assim, agora falando de modo mais genérico, a teórica salienta que os intelectuais ocidentais tendem a não oportunizar aos sujeitos subalternizados a evidência de seus posicionamentos. Para ela, o intelectual pós-colonial não deve falar por esses sujeitos, mas criar movimentos nos quais os subalternos se articulem para serem ouvidos.

Os argumentos da intelectual indiana sobre a subalternidade me possibilitam evocar mais uma vez Carolina Maria de Jesus para visualizar novamente em um trecho de sua obra, como a intelectual agenciava em sua escrita lugares de fala às pessoas obrigadas a ocupar espaços de subalternidade:

[...] - este ordinário vive pegando no seio das meninas pobres, aperta e deixa elas chorando mas em mim você não vai encostar suas mão. O doutor Brand interferiu [...]:
- Cala a boca eu posso te internar.
- Para o seu filho fazer porcarias em mim, como faz com as meninas que o senhor recolhe? É melhor ir para o inferno do que ir para a sua casa. Doutor Bran. Aqui todos falam do senhor, mas ninguém tem coragem de falar para o senhor (JESUS, 1986, p. 32).

No fragmento, Carolina Maria de Jesus expõe publicamente para a autoridade presente, naquele instante, que o filho dele era na verdade um molestador de meninas negras. A escritora falava a verdade para o poder. Sua voz narrava os abusos vivenciados por outras mulheres negras. Noto que a escritora ressalta a ausência de coragem das pessoas para denunciarem aquela situação abusiva.

Percebo, ainda, que a escritora entende o motivo do silenciamento daquelas vozes femininas. Como um grupo de mulheres oprimidas iria denunciar para uma autoridade, em um contexto de quase privação de liberdade, que o filho deste era o responsável por cometer os crimes contra elas? Para quem aquelas mulheres e meninas poderiam expor suas angústias ou mesmo recorrer, se o próprio espaço físico em que supostamente estariam guardadas de quaisquer formas de abuso era o lugar onde eram brutalmente violentadas?

Deste modo, a intelectual usava a sua condição para expor a situação de outras mulheres negras que também passaram por situações opressivas. Noto que ao fazer tais denúncias, Carolina Maria de Jesus não estava somente falando por aquelas mulheres oprimidas: a escritora na verdade era uma daquelas mulheres.

Carolina Maria de Jesus representava, nesse sentido, uma voz feminina que buscou espaço para ultrapassar os largos muros que impediam que as vozes daquelas mulheres ecoassem em seus gritos de protestos. Assim, ela ocupava um lugar no qual foi posta em condição de subalternidade. Porém, Carolina Maria de Jesus podia e sabia falar, transgredindo esse espaço de opressão:

[...] — por que é que você quer virar homem?

— Quero ter a força que tem o homem. O homem pode cortar uma árvore com um machado. Quero ter a coragem que tem um homem. Ele anda nas matas e não tem medo de cobras. O homem que trabalha ganha mais dinheiro do que uma mulher; fica rico e pode comprar uma casinha bonita para morar (JESUS, 1986, p. 12-13).

Em mais um trecho de Diário de Bitita, observe como a autora construiu a narrativa que tem em uma nuance infantil para as discussões propostas. Apesar disso, ao trazer à tona questões de gênero, a narradora-personagem problematiza o ser mulher em uma sociedade sexista. Em recuperação de suas lembranças, a autora demonstra a percepção infantil sobre a posição social da mulher na época em que a autora era criança. Carolina, desse modo, possibilita uma reflexão quanto à opressão experimentada diariamente pelas mulheres:

[...] com as dificuldades que os pais encontram para viver, porque a pobreza era a sua redoma funesta, alguns pais incientes, obrigavam suas filhas a ser meretrizes. Visando enriquecer por intermédio das filhas, jovens desnutridas, que eram obrigadas a passar as noites bebendo bebidas geladas ou vagando pelas ruas procurando um

admirador. Algumas ficavam infectadas, com doenças venéreas e morriam com dezoito anos. Eram flores que não encontravam vasos de cristais para exhibir os seus esplendores. Flores que não encontraram o adubo da vida, que é a felicidade (JESUS, 1986, p. 95- 96).

Mais uma vez, a escritora aponta que umas das questões centrais no cotidiano das mulheres pobres, no início do século XX era a exploração sexual. Uma opressão iniciada nos lares daquelas mulheres, cometida por parentes próximos como pais, avôs e irmãos. No fragmento, a autora deixa transparecer que aquelas vozes eram abafadas por meio da violência. A autora enfatizava os problemas sociais vividos por mulheres negras que pareciam invisíveis a vista do poder público. Por meio de seu olhar, é possível observar que ela conseguia enxergar na situação de marginalização e de invisibilidade a que estavam relegadas as mulheres negras no contexto pós- abolição.

Carolina Maria de Jesus denunciava as opressões sofridas pelas afrodescendentes, mas, em paralelo, construía em suas escritas um lugar para as reivindicações daquelas mulheres exploradas. Sua obra ultrapassa a narrativa de sua vida particular e alcança a história de tantas outras mulheres negras, relegadas a viver às margens da sociedade.

De um modo geral, a escrita feminina, está ligada a um desejo de reconstrução social. É um discurso libertário definidor de outras práticas sociais para a mulher em todas as esferas de expressões culturais, mas, sobretudo, na literatura.

Os intelectuais podem produzir outras verdades capazes de resistir apenas contestando as imagens de narrativas oficiais e justificações de poder que os meios de comunicação e os instrumentos literários, cada vez mais poderosos, fazem circular. Desse modo, Carolina de Jesus consegue se adequar ao perfil de intelectual, pois responsável por produzir outras verdades apenas resistindo e contestando as imagens de narrativas oficiais. Carolina dessa maneira, não tem apenas o perfil de um intelectual a escritora cumpre o que Said entende sobre o papel de um intelectual.

Falar a verdade ao poder não está relacionado a um estado de otimismo exacerbado, é antes pensar com atenção as alternativas, eleger a certa e só então representá-la de modo inteligente, no lugar que possa fazer o maior bem e causar a mudança necessária. Uma mudança, sobretudo, no sentido moral, no qual a agressão seja entendida como tal, o castigo injusto de povos ou indivíduos seja extinta, o cumprimento dos direitos de liberdades seja estabelecido para todos e não apenas, para a uma parcela de privilegiados.

Ao falar a verdade ao poder, o(a) intelectual é movido por ideias e causas em que realmente crê e as quais, de fato, pode apoiar por suas próprias escolhas que, por sua vez, têm coerência com os valores e princípios que sustentam suas crenças.

Referências

DANTAS, Audálio. "Prefácio". In: JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Revista estudos feministas**, Florianópolis, vol. 3, n. 2, p.464-78, 2º sem./1995.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 2007 [1960].

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,

1986. SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as

conferências de Reith de

1993. Tradução: Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SPIVAK, Gayatri Chakrovorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução: Sandra Regina Gourlat Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: EDUFMG, 2010.

WEST, Cornel. "O dilema do intelectual negro". In. Id. **The Cornel West: reader**. Basic Civitas Books, 1999.

¹ Possui mestrado em Estudos da Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Especialista em Literatura e Cultura pela Faculdade Educacional da Lapa. Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Professora da Educação Básica da Rede Pública de Ensino do Estado da Bahia. E-mail: negoonasouza@gmail.com.